

A MATERIALIZAÇÃO DO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO TRABALHO PEDAGÓGICO COM OS BEBÊS

Silvelene de Alcantara Malveste¹
Dinara Pereira Lemos Paulino da Costa²

RESUMO

Nossa prática pedagógica com bebês nos faz perceber que há uma concepção equivocada de que nessa fase de sua vida eles não aprendem, e que vão para a creche apenas para serem cuidados e protegidos enquanto os pais trabalham. Pelo senso comum, as ações que se realizam no berçário não são entendidas como importante para a aprendizagem do bebê e por isso até o trabalho do professor inserido, nesse contexto, é considerado desqualificado, por não ter conteúdos como tradicionalmente se concebe no currículo que conhecemos. Este trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil, coordenado e mantido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa da Infância e sua Educação em Diferentes Contextos (NEPIEC), resulta de uma pesquisa bibliográfica sob o norte teórico sócio-histórico-cultural, no qual procuramos discutir sobre a materialização do currículo da Educação Infantil no trabalho pedagógico desenvolvido com os bebês no contexto das creches. Para a discussão do tema dialogamos com renomados estudiosos, dentro os quais destacamos: Maria Carmem Silveira Barbosa (2010); Ivone G. Barbosa (2011); Moisés Khulmam Jr (2007), Zilma Ramos de Oliveira (2012) entre outros pesquisadores que estudam a criança, a infância e a Educação Infantil. Com este estudo, pudemos reafirmar a importância de compreender o trabalho no berçário como uma prática profissional que se constitui na materialização do currículo que nasce a partir dos próprios bebês na interação com o outro.

Palavras-chave: Bebês. Currículo. Materialização. Aprendizagem. Práticas.

O apaixonante trabalho realizado no berçário com os bebês nos moveu a pesquisar e aprofundar sobre o currículo que se materializa nesta primeira fase na educação de crianças inseridas na creche: espaço coletivo de Educação Infantil para as crianças pequenas entre 0 e 3 anos de idade. A pesquisa realizada compõe um trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil coordenado e mantido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa da Infância e sua Educação em Diferentes Contextos (NEPIEC), situado na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás (UFG).

¹ MALVESTE, Silvelene de Alcantara – graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás, professora da Educação Infantil – Secretaria Municipal de Educação de Goiânia-GO, especialista em Educação para Diversidade e Cidadania (Direitos Humanos)-UFG, especialista em Educação Infantil (UFG). E-mail: silvelene.a.m.pesquisa2015@gmail.com

² COSTA, Dinara P. L. Paulino da – Aluna do programa de Pós-Graduação em Educação (Doutorado) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás; Mestrado em Educação - 2003 – 2006/UNICAMP-SP. E-mail: dinarapereira@uol.com.br

Tomamos como parceiros de pesquisa alguns estudiosos importantes para a Educação Infantil no Brasil e no mundo, dentre os quais podemos destacar: Maria Carmem Silveira Barbosa (2010) que traz toda uma fundamentação importante para a constituição do currículo no berçário, Ivone Garcia Barbosa (1997; 2006; 2011) que aborda em seu trabalho muitos aspectos importantes sobre a Educação Infantil e a teoria Sócio Histórico Cultural, nos falando inclusive, sobre a pesquisa em Educação Infantil; Khulmann Jr. (2007), estudioso que trata das questões históricas sobre a criança, a infância e a Educação Infantil, Zilma Ramos de Oliveira (2012) que traz em sua pesquisa a discussão sobre o currículo proposto para a Educação Infantil nas DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) , e muitos outros pesquisadores que contribuem significativamente para a efetivação e garantia de uma Educação Infantil de qualidade a todas as crianças.

Esta pesquisa visa contribuir para que haja uma maior compreensão de como se materializa na creche o currículo proposto nas DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) e compreender que o mesmo, neste contexto, é muito dinâmico e se constrói cotidianamente. Refletir sobre o que os bebês aprendem e de que forma aprendem. Ampliar e abrir o olhar que se tem sobre a educação dos bebês para que esses seres tão pequeninos não sejam considerados como seres insignificantes e incapazes, mas sim como sujeitos cheios de vida e vontade de ser e estar no meio social em que estão inseridos. Colaborar também na ampliação de conhecimentos acerca da educação dos bebês na Educação Infantil, concebendo-a como construção social, histórica e cultural.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, que segundo afirmam Silveira e Córdova (2009), “[...] preocupa-se, [...], com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (SILVEIRA, CÓRDIVA, 2009, p. 32). O presente estudo discute sob o prisma da teoria sócio-histórico-cultural, primeiramente, os bebês como sujeitos de direitos, seu desenvolvimento e aprendizagem, apontando ainda um breve histórico sobre a origem das creches. Percorremos nesta trajetória para culminarmos na materialização do currículo no berçário, tratando assim de abordar sobre as práticas pedagógicas essenciais para que materialize e se constitua na dinâmica do berçário o currículo proposto para a Educação Infantil segundo as DCNEI. Segundo Barbosa (2006), sob este prisma sócio-histórico-cultural, a pesquisa nos permite “uma análise qualitativa e multifacetada sobre os processos

educacionais e suas relações com os diferentes lugares da infância histórica e culturalmente constituídos.” (BARBOSA, 2006, p.285).

Em uma perspectiva dialética é possível compreender o trabalho na Educação Infantil, mais especificamente na creche, como um movimento dinâmico, que se constrói nas contradições e constituição dos sujeitos, bem como na transformação das realidades como nos fala Gaudêncio Frigotto (1987).

A concepção de bebês como sujeitos de direitos, sujeitos das interações, das brincadeiras e das aprendizagens, inseridos numa instituição de Educação Infantil, de acordo com o que está definido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil em seu artigo segundo, ainda é muito nova. Geralmente, há questionamentos e comentários por parte do senso comum de que o bebê não sabe de nada, não entende as coisas, que no berçário ele só brinca e que vai aprender somente quando chegar à escola, no Ensino Fundamental. Segundo Fernanda C. D. Tristão (2006): “O trabalho com bebês “não aparece!” dentro da instituição. As crianças “não produzem” concretamente nada.” (TRISTÃO, 2006, p. 40)

Na maioria das vezes, o olhar que se tem para o bebê é de que ele é apenas um ser imaturo, indefeso e incapaz, desconsiderando as suas potencialidades e suas aptidões, as quais já começam a se manifestar, num processo de aprendizado, na medida em que exercitam os seus sentidos e sua interação com o outro. O que percebemos em nossa prática pedagógica, é que ainda há uma ideia equivocada de que na primeira infância não há aprendizagem. Geralmente, entende-se como aprendizagem, somente a aquisição de habilidades como leitura, escrita e cálculos. O curioso é que isso não parte apenas de pais ou outras pessoas da comunidade consideradas leigas no assunto, como afirma Tristão (2006). Até profissionais da própria instituição de Educação Infantil, entendem que durante esse período de vida do bebê (entre 0 e 18) meses, ele não aprende ou que o trabalho da professora é desqualificado, comparado ao trabalho das professoras de outros agrupamentos ou níveis de ensino. Nesse contexto, entende-se que o bebê deve ser apenas cuidado, alimentado e protegido e que nessas ações não acontecem as aprendizagens. Embora, estes aspectos de cuidado, proteção e alimentação sejam fundamentais no atendimento aos bebês, os mesmos são vistos como práticas inferiores apenas de assistencialismo e que não proporcionam aprendizagem como na escola de ensino fundamental, por exemplo. Essa concepção assistencialista de educação para bebês que perdura em nosso meio tem suas raízes históricas e culturalmente constituídas e são difíceis de serem abandonadas.

Originando-se por meio da filantropia, surgem as creches e as salas de asilo que se diferenciariam pelo fato de a creche atender as crianças de 0 a 2 anos, e as salas de asilo atender as crianças de 2 a 7 anos. Segundo Pardal (2005), a creche, a princípio, surgiu como meio de instrução para as crianças de camadas populares e que segundo o governo da época: “era necessário que a educação primária fosse iniciada no berço”. (PARDAL, 2005, p.61).

Entretanto, esta educação visava como nos fala Kuhlmann Jr (2007), apenas isolar as crianças da rua e também prepará-las para se sentirem resignadas diante de sua realidade e condição social. Ou seja, se houvesse uma educação voltada ao crescimento intelectual e cognitivo, no futuro essas crianças poderiam não aceitar sua condição social. Na verdade, além de atender somente as crianças das camadas mais populares, a creche também tinha a função de, especificamente, assegurar tranquilidade às mães carentes para trabalharem fora de casa.

De acordo com Oliveira (2012), a creche, um ambiente educativo para crianças como conhecemos atualmente, no decorrer de sua história, foi criada com muitas dificuldades. A autora afirma que para o governo se a creche era para atender crianças carentes não deveria ser mantida pelo Estado e sim por meio da caridade das famílias afortunadas. Havia discursos distintos para atender as diferentes camadas sociais. Enquanto às crianças das classes populares era destinada uma educação compensatória ou assistencialista, às crianças da classe média eram oferecidas propostas de educação, visando o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo dentro dos jardins de infância. (OLIVEIRA, 2012). De acordo com Oliveira (2012), as principais conquistas no Brasil ocorreram a partir da Constituição Federal de 1988. A partir dos anos 90, houve uma ampliação da discussão sobre a infância e a criança, acompanhando as transformações da sociedade ao longo da história. Dentre essas conquistas, tivemos a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN - Lei 9394/96) que colocou a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Com a aprovação da LDBN (Lei 9394/96) desencadeou-se toda uma ampliação das pesquisas, das leis de proteção à criança e à infância, da formação docente, da prática pedagógica e do currículo, visando alcançar maior qualidade na Educação Infantil, agora direito Constitucional de todas as crianças brasileiras.

Como qualquer cidadão, o bebê tem o direito de ter uma educação que promova seu desenvolvimento integral, o qual contempla, de acordo com Barbosa (2010, p.5) “[...] dimensões: expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural

compreendendo as crianças em sua multiplicidade e indivisibilidade [...]”. Para que de fato se possa garantir que os bebês tenham acesso a essa Educação Infantil de qualidade é necessário que os profissionais tenham conhecimento de como se dá seu desenvolvimento e aprendizagem e como se constitui o currículo nesse contexto.

Ao nascer, diferentemente de outros animais, o ser humano depende muito do cuidado e atenção do adulto. Ele precisa ser agasalhado, higienizado, alimentado pelo adulto que esteja sob sua responsabilidade. Portanto, há que se considerar que esses aspectos descritos acima são o que fundamentam o currículo do berçário. Nesta base, alicerçamos todo o trabalho pedagógico desenvolvido na creche com os bebês. Na abordagem sócio-histórica, para Elkonin *apud* Facci (2004, p. 67), deve-se “[...] compreender o desenvolvimento da criança em seus períodos e em suas características, que estão diretamente condicionados pela atividade, ensino e educação, mediados pelo adulto.” De acordo com Vigotski (1996) *apud* Facci (2004), no primeiro ano de vida o bebê passa por uma sociabilidade totalmente específica e peculiar que se caracteriza fundamentalmente pela sua total incapacidade biológica para satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência, ou seja, o bebê depende dos adultos que cuidam dele. Outro aspecto que caracteriza também de forma peculiar a situação social do bebê no seu primeiro ano de vida é a carência dos meios de comunicação social que é a linguagem que nesse período de vida da criança se caracteriza “como uma comunicação sem palavras, muitas vezes silenciosa.” (FACCI, 2004, p.68).

Assim é possível compreender porque Elkonin dizia que a linguagem não é a atividade principal da criança, pois esta é uma construção psíquica complexa e no início de sua vida, o bebê ainda não tem como fazer uso da linguagem de forma mais abrangente. E nesse contexto, Elkonin (1987) *apud* FACCI (2004), afirma que a linguagem não é a atividade principal; sua função principal consiste em auxiliar a criança a compreender através da mediação do adulto a ação dos objetos, e assimilar os procedimentos socialmente elaborados, de ação com os objetos. (FACCI, 2004, p. 69). Para que ocorra essa assimilação da ação dos objetos a sua volta é necessário que o adulto mostre-os à criança. Neste sentido a comunicação emocional abre espaço para uma colaboração prática. Por meio da linguagem a criança estabelece um contato com os adultos e aprende. Importa-nos, com isto, compreender que os bebês entre 0 e 18 meses são sujeitos com características específicas que os tornam seres humanos tão especiais e únicos. E por serem bebês necessitam o tempo todo do cuidado e atenção do outro adulto para poder sobreviver e constituírem-se como sujeitos.

Assim, a Educação Infantil tem um importante papel no desenvolvimento e aprendizagem dos bebês. Além do cuidado e da atenção, em um ambiente institucionalizado o bebê precisa que o adulto o ensine as práticas sociais que contribuam para seu processo de humanização. A creche neste contexto é um espaço privilegiado, como nos fala Carvalho e Ortiz (2012). Segundo as DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil Resolução nº 5, de 17/12/2009), em seu artigo segundo, o currículo é definido como um: “Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico.” (BRASIL, 2009).

Que práticas são essas de que se fala nessa definição de currículo? Como articular essas experiências e os saberes dos bebês com os demais conhecimentos? No berçário o trabalho acontece e é planejado a partir dos saberes das crianças. Conforme explicita Maria Carmem S. Barbosa (2010), “[...], a partir da criação de uma vida cotidiana com práticas sociais que possibilitem alargar horizontes, ampliar vivências em linguagens, para que os bebês experienciem seus saberes.” (BARBOSA, 2010, p. 5). Como nos fala Loris Malaguzzi: “[...] as coisas relativas às crianças e para as crianças somente são aprendidas através das próprias crianças.” (Malaguzzi *Apud* Edwards, 1999, p. 61). O currículo na educação de bebês começa a se materializar a partir dessa parceria entre família e instituição de Educação Infantil, pois para a professora saber quem é esse sujeito que é inserido na creche e que ainda não faz uso da linguagem verbal, precisa primeiro conhecer a história desse bebê por meio da família. Esse é um dos primeiros aprendizados da criança no berçário: a creche é um novo espaço de convivência e os profissionais que ali trabalham estão a seu dispor e não substituem seus familiares, mas, como nos diz Barbosa (2010), são os adultos parceiros das famílias na sua educação, atenção e cuidado.

Lazaretti (2011) ao falar sobre a teoria de Vigotsky e seus colaboradores, nos dá o entendimento de que a criança aprende a utilizar o adulto para satisfazer suas necessidades e, assim, se colocar diante das situações e por sua vez, o adulto também aprende a conhecer cada criança e agir conforme suas necessidades. Só a partir desse momento é possível à professora planejar as ações pedagógicas, que irá desenvolver com os bebês e ampliar suas potencialidades e conhecimentos. Assim se define, segundo Alves e Barbosa (2011), a especificidade do trabalho pedagógico com as crianças pequenas. Por meio da escuta sensível do adulto para com a criança, onde o mesmo lhe dá voz e vez, oportunizando momentos de

interação e aprendizagem respeitando a criança, especialmente o bebê com suas características próprias e específicas de ser e estar. Falamos de práticas sociais, porque nesse período o maior aprendizado que se tem para os bebês se dá na sua constituição enquanto ser social, que tem de aprender a conviver com outros pares, a falar, a andar, a alimentar-se, etc. “Todas as vivências são educadoras nessa faixa etária. [...]. Na interação com o outro, nas inúmeras possibilidades que o outro lhe aponta, ela imprime as marcas do humano e constrói sentido nas linguagens.” (RICHTER; BARBOSA, 2010, p. 91)

O adulto é o principal parceiro da criança em suas descobertas e necessidades. O trabalho pedagógico da professora³, portanto, caracteriza-se como fator de fundamental importância, pois o mesmo, diante desta concepção de currículo e de educação que se diz democrática e dialógica, deve posicionar-se de forma “[...] diferenciada, assumindo-se como mediador/a privilegiado/a da cultura, do conhecimento, da formação de valores, hábitos e atitudes.” (VYGOTSKY, 2001; WALLON, 1975; BARBOSA, 1997 *apud* BARBOSA, ALVES, 2011, p.8) Portanto não se trata apenas de cuidar e brincar para proteger a criança enquanto os pais trabalham. O que era visto como práticas desvalorizadas precisa de ser visto como momentos de grandes descobertas e aprendizagens.

O brincar e a brincadeira, por exemplo, que ao senso comum tende a ser pura distração para passar o tempo, tem dentro do berçário uma das principais práticas sociais para que o bebê aprenda e se desenvolva, pois segundo Borba (2009, p. 70): “O brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade.” De acordo com as DCNEI, as interações e brincadeiras devem compor a proposta curricular da Educação Infantil. Sobre a brincadeira, atividade tão importante para o desenvolvimento psíquico do bebê, Vygotsky afirma que:

Por trás da brincadeira estão as alterações das necessidades e as alterações de caráter mais geral da consciência. A brincadeira é fonte do desenvolvimento e cria a zona de desenvolvimento iminente. [...] a criança é movida por meio da atividade de brincar. Somente nesse sentido a brincadeira pode ser denominada de atividade principal, ou seja, a que determina o desenvolvimento da criança. (VYGOTSKY, 2008, p.35)

³ Utiliza-se neste texto o termo professora devido ao fato que, neste período da Educação Infantil, é comum encontrarmos mais mulheres que homens trabalhando no berçário, não como estereótipo, mas como fato real em nosso meio profissional.

No currículo que se materializa no berçário⁴ não há dissociação entre cuidar, educar e brincar. Nesse contexto, o currículo se constitui em cada momento da rotina, em cada ação intencionalmente planejada e que perpassa todas as necessidades dos bebês. Existe um currículo pelo qual nos orientamos para que essas ações específicas de atendimento aos bebês tenham um significado em suas vidas, e que por meio delas o bebê “[...] consiga abrir espaço concretamente, no chão, no grupo, na sala, no mundo [...]” e desta forma torne-se sujeito de sua própria história. (ORTIZ, CARVALHO, 2012, p.35). Ao oferecer experiências lúdicas com e nas múltiplas linguagens, como nos fala Richter e Barbosa (2010), é possível ir construindo essas narrativas de vida de cada bebê, pois ao passo em que vão se integrando e interagindo com o grupo de crianças e profissionais, vão constituindo-se como seres sociais e desta forma começam também a se perceberem como sujeitos do processo de educação. A rotina, o cotidiano nos move a planejar e avaliar nosso trabalho e assim construir e ressignificar nossa prática dentro do berçário para que possamos garantir aos bebês diversas situações de aprendizagem neste currículo que se materializa a partir das próprias crianças.

Esta inseparabilidade das ações de educação e cuidado está presente em todo o processo educativo no trabalho com o berçário. Portanto o currículo se materializa de forma articulada e integrada a todas as ações que envolvem os diferentes aspectos, seja durante a alimentação, seja durante o banho, seja durante o passeio no pátio, seja nas interações e brincadeiras em pequenos grupos ou no coletivo todo da instituição: em todos os momentos e espaços há aprendizagem e desenvolvimento. “No primeiro ano de vida o bebê está descobrindo o mundo, tudo para ele é muito novo, nesse período está tendo suas primeiras impressões sobre o que é ser humano.” (TRISTÃO, 2006, p.52). Por serem bebê e terem uma condição de vida em que, ao mesmo tempo em que são extremamente dependentes dos adultos, são muito independentes em seu processo interativo no e com o mundo, como afirma Richter e Barbosa (2010), as crianças rompem com a forma tradicional de se conceber e realizar o currículo.

E para finalizar queremos reafirmar que os bebês interrogam o currículo com seu jeito peculiar e único de ser “exigindo a abertura a outras possibilidades de planejar, organizar e avaliar o cotidiano da creche.” (RICHTER, BARBOSA, 2010, p. 93). Desta forma não há

⁴ Pela LDBN (Lei nº 9394/96) a creche é o lugar específico para a educação de crianças entre 0 e 3 anos. Ao citar “berçário” nesta pesquisa, não temos a intenção de colocar berçário como sinônimo de creche, mas sim como um espaço institucionalizado na creche para a educação dos bebês.

como pensar a materialização do currículo no berçário dissociada dessa condição de ser e estar dos bebês. Nossa prática pedagógica deve estar voltada a essa especificidade que o trabalho com bebês exige. Falta-nos ainda muita atenção por parte do governo de um modo geral no que diz respeito às políticas públicas referentes à Educação Infantil, bem como as políticas de formação e valorização dos professores que atuam nessa etapa de ensino. Faltam-nos muitas vezes recursos e materiais condizentes com as necessidades específicas, e percebemos também que ainda falta um olhar mais amoroso e cuidadoso para com essa parte da população que é de tamanho tão pequeno e que está constituindo-se enquanto sujeito. Devemos lutar para que se amplie o atendimento de qualidade aos bebês, nas creches, e também devemos apontar para uma educação que forme profissionais qualificados e engajados e, assim, transformadores e construtores de um currículo que considere a criança pequena, em especial o bebê, nas suas especificidades.

De fato, o currículo no berçário materializa-se no cotidiano dos bebês na creche em cada sorriso, cada choro, cada olhar, cada brincadeira inventada, cada meleca feita com suco ou água, cada faz-de-conta, cada admiração em frente ao espelho, ao compartilhar um momento de interação com crianças maiores, durante o sono, durante o banho, enfim, em todas as práticas sociais em que o bebê deve estar inserido para que se desenvolva integralmente. Esse é o principal motivo que nos provoca a realizar esta pesquisa: a vontade de ver, no trabalho com o berçário, o devido e profundo respeito que devem ter todos os seres humanos uns pelos outros, a começar pelos menorzinhos: os bebês.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?> Acessado em 21/02/2016.

BARBOSA, Ivone Garcia; ALVES, Nancy N. L. Currículo da Educação Infantil: conceitos e desafios. **Anais VI Simpósio Internacional “O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente” e II Seminário Internacional de Educação do Pontal do Triângulo Mineiro**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2011. [p.1-15]

BARBOSA, I. G. O método dialético na pesquisa em educação da infância: desafios e possibilidades para a psicologia e a educação. In: MONTEIRO F. M. de A.; MÜLLER, M. L. R. (orgs.). **Educação como espaço de cultura**. VIII Encontro de pesquisa em Educação da região Centro Oeste. Volume II. Campo Grande: EdUFMT, 2006. [p.277-287]

_____. **A teoria sócio-histórico-dialética: referenciais para se pensar a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.** In: BARBOSA, Ivone G.. Pré-escola e formação de conceitos: uma versão sócio-histórico-dialética. 1997.169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1997. Cap. 1.

_____. **O professor eo trabalho pedagógico na Educação Infantil.** In: LIBÂNEO, José Carlo; SUSANO, Mariliza Vanessa R.; LIMONTA, Sandra Valéria. Didáticas e práticas de ensino: texto e contexto em diferentes áreas do conhecimento. Goiânia: CEPED/ Editora PUC Goiás, 2011.

BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas.** Campinas: Autores Associados, 2009. P.69-78.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Brasília: 2009a.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Práticas cotidianas na educação infantil:** bases para a reflexão sobre as orientações curriculares: cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009b.

_____. Parecer CNE/CEB 020/2009; Resolução CNE/CEB N.º 5/2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica, 2009c.

CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. ORTIZ, Cisele. **Interações: Ser Professor de Bebês – Cuidar, Educar e Brincar: Uma Única Ação.** Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo, 2012.

CASTELLI, Carolina Machado; MOTA, Maria Renata Alonso. **A complexidade de ser bebê: reflexões acerca de sua visibilidade nas creches e nas pesquisas.** Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 46 - 65, jun. 2013. ISSN 1980-4512. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/1980-4512.2013n28p46/24918>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

DIDONET, Vital. **Importância da Educação Infantil.** Anais do Simpósio Educação Infantil, construindo o presente. Brasília, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131340POR.pdf>. Acesso em 12/05/2016.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A Periodização do Desenvolvimento Psicológico Individual na Perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, abril, 2004. Disponível em <<http://www.ceces.unicamp.br>>. Acesso em 03/03/2016

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In FAZENDA, I.C.A. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional.** 10. Ed. São Paulo: Cortez, 20016. [p.69-90].

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**/ Carolyn Edwards, Lella Gandini, George Forman; tradução Dayse Batista. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

KUHLMANN JR., Moysés. **Educação Infantil e Currículo**. In: Educação Infantil pós LDB: rumos e desafios / Ana Lúcia Goulart de Faria e Marina Silveira Palhares (Org.). 6. Ed. – Campinas, SP. Autores Associados, 2007. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

LAZARETTI, Lucinéia Maria. **Aprendizagem e desenvolvimento na primeira infância: destaque para os instrumentos culturais**. Anais IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 2009. P.: 3111 a 3122. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2755_1378.pdf, acesso em 24/03/2016.

LAZARETTI, Lucinéia Maria. **D.B. Elkonin** – Vida e Obra de um autor da psicologia histórico cultural. São Paulo. Editora UNESP. 2011.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. In: PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1630/1371>.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **O currículo na educação infantil: O que propõem as novas diretrizes nacionais?** Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15860&Itemid=1096. Acesso em 29/02/2016.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **O Trabalho do Professor na Educação Infantil**. São Paulo, Biruta, 2012.

PARDAL, Maria Vitória de Carvalho. **O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista**. In: Vasconcellos, Vera Maria Ramos de. **Educação da infância: História e Política**/ (org.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. BARBOSA, Maria Carmen Silveira **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche**. Educação. Revista do Centro de Educação 2010, v. 35, n. 1, p. 85. Santa Maria, jan./abr. 2010 Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducaca>. Acesso em 21/02/2016.

SILVEIRA, Denise Tolfo, CORDOVA, Fernanda Peixoto. 2. **A pesquisa científica**. Métodos de pesquisa . Tatiana EngelGerhardt e Denise Tolfo Silveira (Org.); coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. A sutil complexidade das práticas com bebês. In: MATINS FILHO, Altino José et al. **Infância Plural: crianças do nosso tempo**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 39-58.

VYGOTSKY, Lev S.. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Tradução de Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, nº 11, julho de 2008. In: <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>